



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA



LAMBERTINI

Representante dos Editores
Franceses

Edições economicas de Ricordi,
Peters, Breitkopf, Litolf, Stein-
gräber, etc.

Partituras de Operas

Antigas e modernas
para piano e para canto

Leitura musical por assignatura

500 réis mensaes

Peçam-se catalogos

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior qualidade

Especialidade em cordas italianas

para violino, violoncello, contrabaixo, harpa, etc.

43, 44, 45, Praça dos Restauradores, 47, 48, 49

LISBOA

Augusto d'Aquino

Rua dos Correeiros, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Ásiahaus

Hamburgo, 8

AGENTES EM .. {
Anvers — Joseph Spiero — 51, rue Waghmakere
Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 67, Grand Quai
Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien
Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — Leadenhall Buildings, E. C.
Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — The Temple-Dale Street.
New-York — Joseph Spiero — 11. Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

GUARDA-MUSICAS

NOVIDADE

DA

Casa Lambertini

— Modelos exclusivos —

Enviem-se catalogos illustrados a quem os pedir.

SÓMENTE Á VENDA

NA

Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

LAMBERTINI

Pianos das principaes fabricas: **Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto**, etc.

Musica dos principaes editores — Edições economicas — Aluguel de musica.

Instrumentos diversos, taes como: Bandolins, Violinos, Flautas, Ocarinas, etc.

Pecam-se os catalogos

PRAÇA DOS RESTAURADORES



Revista publicada quinzenalmente

Proprietario e director

Michel'angelo Lambertini

Redacção e administração: P. Restauradores, 43 a 49—Composto e impresso na Typ. do ANUARIO COMMERCIAL, P. Restauradores, 27

SUMMARIO — Edmond Membreé — Concertos Historicos — Pelo estrangeiro — A Burguezinha — S. Carlos — Notas Vagas — Concertos — Concurso de Musica Portugueza — Theatro da Trindade — Noticiario — Necrologia — Mais um anno.

Edmond Membreé

O illustrador musical do *Edipe-Roi*, a admiravel tragedia de Sophocles, nasceu em 14 de novembro de 1820 em Valenciennes.

Começando a trabalhar a musica na sua terra natal, obteve uma subvenção do Estado, que lhe permitiu inscrever-se no Conservatorio de Paris, estudando ahi com Zimmermann o piano, com Dourlen a harmonia e com Carafa a sciencia de compôr.

Em 1851-52 escreveu o *Esclave*, opera em cinco actos, que só 22 annos mais tarde conseguiu vêr a luz da ribalta. Mas em 1857 pôde vêr representada na Opera uma peça sua, em um acto, *François Villon*, que teve um exito animador.

O *Edipe-Roi* data de 1858 e não é uma opera, mas simplesmente o commentario musical da divina obra grega, destinado a illustrar determinadas situações da tragedia, em que o grande actor francez Mounet-Sully se eleva pela sua interpretação genial ás maiores culminancias da arte de representar. Mas como

commentario é emocionante, d'uma grande justeza d'expressão e piedosamente discreto — isto é, tem todas as qualidades que se requerem n'este genero de trabalho, em que o musico é apenas chamado para esboçar por assim dizer o fundo de certas situações, sem carregar sobre effeitos musicas que distrahiriam perniciosamente o ouvinte.

Por isso a sua obra teve e ha de ter sempre uma grande acceitação entre os verdadeiros artistas.

Não foi tão feliz na *Fille de l'Orfèvre*, cantada em Bade em 1862. Veiu o desanimo, um grande desanimo de onze annos. Mas em 1874, não só o seu *Esclave* se representava finalmente na Opera, mas, no decurso d'uma tentativa de theatro popular, *Les Parias* obtinham no Chatelet todos os suffragios.

Edmond Membreé foi nomeado em 1878 presiden-

te da Sociedade dos Compositores de Musica. Um anno depois a *Opéra-Comique* cantava lhe a *Courte-Echelle*, que tanto ahi como em Lyon agradou por completo.

Na obra d'este delicado artista contam-se ainda muitas melodias, trios, uma Missa, etc. Havia ainda muito a esperar do seu talento,



EDMOND MEMBRÉE

(Reprodução de um retrato de Gérôme)

quando a morte o veiu surprehender em 10 de setembro de 1882, na occasião em que se encontrava em villegiatura nos arredores de Paris.



Concertos historicos

Graças á corajosa e porfiada boa vontade da Ex.^{ma} Sr.^a D. Sarah Motta Vieira Marques, realisou-se em 20 d'este mez o primeiro d'estes concertos.

Amadora que é uma artista, e temperamento verdadeiramente rico em dotes varios, a Sr.^a D. Sarah Marques estava naturalmente indicada para fazer vingar esta sympathica e civilisadora tentativa, d'uma tão alta intenção esthetica e d'um tão distincto cunho educativo.

E reunindo em volta de si a alta competencia de varios elementos valiosos e que tão do coração vieram coadjuva-la, a grande cantora que não só Lisboa mas todo o paiz conhecem e teem justamente applaudido, pôde elaborar quatro programmas que indo de Couperin a Debussy, logicamente nos irão mostrando a evolução da musica nas suas diferentes phases.

Payant de sa personne, quer dizer, dando-nos a honra e o prazer de a ouvirmos a ella propria em algumas das mais soberbas paginas que o genio immortalisou, D. Sarah Marques proporcionou-nos egualmente o regalo unico de applaudirmos muitos dos nossos melhores artistas e amadores.

E porque pensou, e muito bem, que valeria certamente a pena fazer preceder as suas deliciosas festas d'arte, de conferencias explicativas em que a palavra auctorizada dos oradores, por assim dizer, procurasse fixar a curva descripta por cada um dos auctores dos trechos executados, no particular momento que a cada um coube viver, ainda ahi o seu provado bom gosto finamente a serviu, e nas duas curiosas e por mais de um titulo suggestivas palestras effectuadas, todos aprenderam alguma cousa de elevado e de bello.

Por seu consentimento e pelo do conferente, pôde a *Arte Musical* publicar a primeira das conferencias, e escrevendo o nome do illustre artista e professor que a fez, o sr. Ernesto Vieira, estamos, parece nos, dispensados de tecer o seu elogio patenteado em mais de um trabalho de valor, e n'estas mesmas columnas tão exuberantemente reconhecido.

Assim, limitar-nos-hemos a agradecer á

sr.^a D. Sarah Marques, em primeiro logar o novo e importante serviço que á educação musical portugueza quiz prestar com a organização dos seus concertos d'um tão intellectual relevo, e depois a distincção concedida a este jornal, permitindo-nos nós juntar n'este ponto, ao seu illustre nome o nome egualmente consagrado de Ernesto Vieira, o qual não esqueceu de certo os admiradores e amigos que n'esta folha tem.

Quanto ao programma do primeiro concerto, que abaixo inserimos, não é mistér entrar em detalhes.

Todos os numeros, conscienciosamente executados, foram um verdadeiro mimo, e cada um dos distinctos amadores e artistas que para elles concorreu com a sua collaboração artistica, poz o melhor da sua alma e do seu talento em nos proporcionar momentos de arroubamento ideal que nunca mais esquecerem.

Por instantes todos quantos no hospitaleiro palacete da T. do Athayde, foram gentilmente acolhidos pelos seus estimaveis proprietarios, se esqueceram sem duvida das amarguras da vida e dos conflictos varios que dividem a existencia, e pairaram alto nas regiões elyseas onde só a arte impera.

E agora resta-nos, anciosos, esperar os concertos que faltam e irmo-nos contentando com a recordação dos que já ouvimos.

A seguir damos o programma do primeiro concerto com a respectiva conferencia.

PROGRAMMA

1 «Danceries» pelo quarteto de cordas, a) «Allemande», b) «Bransle Gay», Claude Gervoise; c) «Bransle d'Escosse», Estienne du Tertre; d) «Basse Danse», auctor desconhecido; 2 «O' Salutaris», a tres vozes, Palestrina, pelas sr.^{as} D. Maria E. Macieira Lino, D. Sarah Marques e sr. Mauricio Bensaude, acompanhamento de órgão pela sr.^a D. Ernestina Freixo; 3 Aria de Orpheu da opera «Euridice», Jacopo Peri, pelo sr. Mauricio Bensaude; 4 Aria parlante «Lasciatemi morire» da opera «Arianna», Claudio Monteverde, pela sr. D. Sarah Marques; 5 a) «Es ist ein Rostentsprugen, Noel», a tres vozes, Praetorius, côro; b) «Die Engel und die Kirten, antigo Noel bohemio», a tres vozes, auctor desconhecido, côro; 6 a) «Canzonetta da opera «Serse», Francesco Cavalli; b) Aria de Ariane da tragedia lyrica «Amadis», Lulli, pela sr.^a D. Maria Macieira Lino; 7 a) Aria de Bajasete da opera «Tamerlans», Haendel, pela sr.^a D. Gabriella J. Strauss; b) Largo para concerto de cordas e órgão, Hendel; 8 a) «Aria para contralto, obrigada a trompette, da cantata «Du sollst Gott, deinen

Herrn liebe», J. S. Bach, pelas sr.^{as} D. Sarah Marques, D. Ernestina Freixo e sr. José Martins Junior; *b)* Preludio e fuga em *fá menor*, para piano, J. S. Bach, por mademoiselle Jeanne Rey Colaço; *c)* Fuga da «Paixão segundo S. Matheus», J. S. Bach, por quarteto de cordas e órgão, côro por mesdames Alice Rey Colaço, Irene Gilman e mesdemoiselles Alice, Jeanne, Marie Rey Colaço, Emilie e Jeanne Possoz, Marie José Arroyo e Maria Antonio de Castro Freire; quarteto pela sr.^a D. Bertha da Cunha Menezes, Cecil Mackee, Antonio Lamas e D. Luiz da Cunha e Menezes; órgão, pelo sr. José Bonet.

CONFERENCIA

Ex.^{mas} senhoras e ex.^{mos} senhores:

A boa companhia faz os bons amigos, diz o proloquio. Completemo-lo: entre bons amigos nascem e crescem as boas idéas, e são estas que dão alimento ao espirito, vida á sciencia, animação ás artes, fazendo-nos trabalhar pelo aperfeiçoamento humano e pelo derramamento da felicidade intellectual.

Em boa companhia filosofava Platão nos jardins de Academus, ha mais de dois mil annos.

Boas companhias eram aquellas que pelos seculos xvi e xvii se reuniam em Italia, entre as quaes se aperfeçoou a lingua italiana, hoje a mais perfeita e mais harmoniosa lingua do mundo; boas companhias eram ellas, onde Galilei expunha as suas idéas sobre o movimento da terra, Torquato Tasso apresentava a *Gerusalemme Liberata*, Caccini, Peri e Monteverde ensaiavam os primordios da opera.

Na boa companhia da nobreza de Portugal, reunida as serões no lar dos seus monarchas, brilharam os trovadores provençaes, refulgiram os poetas quinhentistas, creou-se Gil Vicente, e Camões recitou os *Lusiadas*.

Nunca as sciencias, letras ou artes fizeram queixa de abandono em paiz que frequentemente veja congregarem se pessoas illustradas, cultoras do bello e do bem, estudando entre si as questões que interessem qualquer ramo da intellectualidade.

Ai do paiz em que os homens só se juntem para tratar de politica!

Ai d'esses homens, mas sobretudo ai de nós, sujeitos aos seus desvarios!

Mas a defesa efficaz contra tão grande perigo pode contar com um auxiliar magnanimo e muito forte, embora a ineptia masculina qualifique de fraco: é o sexo feminino.

Tem elle, em todos os tempos, dado sobe-

jas provas do seu grande valor n'esta especie.

Em épocas de agitação politica, todas as côrtes da Europa teem visto, muitas e muitas vezes, abrirem-se salões de paz e refugio, offerecidos generosamente pelas mais illustradas senhoras. Os seus labios não terão talvez proferido, mas sem duvida nos seus corações resôa sempre o hymno angelico: *par hominibus bonæ voluntátis*.

Como exemplo notavel entre nós, citarei o da Marqueza d'Alorna, cuja biographia Pinheiro Chagas concluiu nos seguintes termos:

«Era o typo mais acabado em Portugal d'aquellas fidalgas do seculo xviii, que abriam os seus salões a todas as summidades litterarias, a todos os espirituosos conversadores, e que assim reuniam côrtes mais brilhantes do que as dos paços, e onde ellas eram rainhas pelo direito da graça, do talento e do espirito culto.»

A esta realza é que ningem pode negar homenagem.

Sua Magestade a Rainha d'este palacio dignou-se convocar-nos para apreciarmos pela audição e pela comparação, uma parte do progresso evolutivo realisado pela arte musical desde os fins do seculo xv, isto é, desde a época do Renascimento até aos nossos dias.

Determinou a mesma Senhora que o nosso estudo fosse dividido em quatro sessões, procedendo por ordem chronologica e tendo cada sessão o seu conferente explicador.

Ordenou-me que fosse eu um dos conferentes e assignalou-me logar na primeira sessão.

Recebi a ordem como um diploma de honra, ao mesmo tempo que julguei a escolha do logar como fructo de perfeito criterio; lembraram-me, invertendo-as, as palavras de Jesus: os primeiros são os ultimos.

Cabe-me portanto explicar o papel que na evolução da arte musical desempenharam os grandes musicos cujas obras vamos ouvir n'esta sessão.

Fal-o-hei com a brevidade possivel.

Abrem o programma algumas *dancieries* francezas, curiosissimos specimens da musica dansante em uso nos salões de Paris pelos principios do seculo xvi. N'ellas ouviremos a polyphonia dos antigos contrapontistas, apresentada na sua fórmula mais singela, mas ainda assim, note-se bem, verdadeiramente artistica e não de baixa vulgaridade. O auctor de duas d'essas *dancieries*, Claude Gervais, era violonista na côrte de Francisco I.

Depois d'este exordio instrumental ouviremos composições dos maiores polyphonistas

que encerraram o cyclo da Renascença e abriram o da arte moderna, Palestrina, Haendel e Sebastião Bach; intercalados teremos exemplos de alguns dos iniciadores da opera: Jacopo Peri, Claudio Monteverde, Francesco Cavalli e João Baptista Lulli. Emfim, apresentam-se como *hors d'œuvre* dois deliciosos côros, sendo um d'elles do celebre auctor didactico allemão Miguel Praetorius, ou Miguel Schutz.

Palestrina, Bach e Haendel estão no apogeu da arte polyphonica; Peri, Monteverde, Cavalli e Lulli marcam o perigeu da arte monodica e a sua ascensão progressiva.

Interessante aproximação, que nos vae mostrar dois pontos extremos postos em confronto.

Palestrina occupa um logar especial pela sua musica religiosa, que constitue um typo modelar consagrado pelos canones.

Esse typo foi levado por elle á maior perfeição, mas não inventado; deriva da escola flamenga ou franco-belga, que desde o meiado do seculo XIV até ao seculo XVI teve a primazia na arte de combinar os sons simultaneos. Postas de parte as lendas que teem cercado o nome de Palestrina, o seu grande valor na arte religiosa consiste na clareza, expressão e respeito pelos textos liturgicos; porém, mais do que tudo ennobrecem e dão particular encanto ás suas composições, as fórmulas antigas e ainda naturalmente bellas.

O pequeno trecho que ides ouvir completará esta brevissima apreciação.

Passemos agora á curiosa historia da opera.

Estamos no fim do seculo XVI. Plena florescencia do renascimento das artes, depois de Miguel Angelo e Rafael terem povoado de maravilhas a Italia.

Uma academia que se reunia em Florença, presidida por um nobre amator chamado Giovanni Bardi, lembrou-se de estudar a união intima do canto com as palavras, união que os musicos tinham destruido com as suas figurações contrapontisticas.

Faziam parte d'essa academia, aliás pouco numerosa, Emilio del Cavalieri, musico, Ottavio Rinuccini, poeta, Giulio Caccini e Jacopo Peri, cantores, Vincenzo Galilei, musico.

Emilio del Cavalieri já tinha posto em pratica essa idéa, utilizando-a em duas peças theatraes representadas em 1590; mas a primeira experiencia feita no seio da academia e destinada exclusivamente a realisar o fim proposto, deve-se a Vincenzo Galilei, que se apresentou a cantar, ou antes a recitar cantando, o episodio do Conde Ugolino, bem como fragmentos das Lamentações de Jeremias.

Depois, em 1594, Jacopo Peri deu maior largueza á tentativa, pondo em musica o poe-

ma feito por Ottavio Rinuccini sobre a fabula de Daphne, e finalmente em 1600 apresentou a *Euridice*, com que em Florença foram celebradas as nupcias de Maria Medici com Henrique IV de França.

Considera-se esta a primeira opera, por se ter representado com apparato scenico e ser completamente escripta no estylo recitativo.

Do que fosse esse estylo e dos fins que elle procurava attingir, ninguem poderá dizer melhor do que o proprio auctor; por isso vou lêr a parte mais interessante do prologo que elle mesmo escreveu para a sua obra quando foi publicada.

Diz assim:

«Antes de vos entregar (benignos leitores) estas minhas musicas, entendo dever dizer-vos o motivo que me levou a encontrar esta nova maneira de canto, pois que em todas as acções humanas deve a razão ser principio e fonte; quem não pode expol-a facilmente dá a entender que procedeu por acaso.

«Embora o sr. Emilio del Cavalieri, primeiro do que nenhum outro, que eu saiba, nos tivesse apresentado em scena, com maravilhosa invenção, a nova musica, quizeram tambem os srs. Jacopo Corsi e Ottavio Rinuccini (nos fins de 1594) que eu, compondoa de outra maneira, puzesse em notas a fabula de Daphne, feita pelo sr. Ottavio Rinuccini para dar uma simples prova de quanto pode o canto do nosso tempo.

«Visto que se tratava de poesia dramatica e que por conseguinte o canto devia imitar a linguagem (e sem duvida nunca se falou cantando), supuz que os antigos gregos e romanos, que, segundo se diz, cantavam no theatro as tragedias completas, empregassem uma harmonia superior á da linguagem usual, mas tão similhante a ella que tomasse a fórma media entre o natural e o inverosimil.

«Por isso, abandonando qualquer outra fórma de canto empregada até hoje, appliquei-me completamente a procurar a imitação apropriada do poema.

«Considerarei que a especie de voz usada no canto pelos antigos, a que chamavam diastematica (quer dizer pausada, quasi suspensa), poderia apressar-se em parte e decorrer sem excesso entre o movimento compassado e lento, sem adquirir a carreira expedita do falar ordinario, accommodando-se assim ao meu proposito e approximando-se do seguimento racional a que chamavam voz continua.

«Reconheci tambem que na nossa maneira de falar ha sons tão entoados que podem fazer harmonia, e que estes no decurso da fala passam por outros incertos até caírem novamente num som fixo, proprio para receber

nova consonancia. E reparando nos modos e accentos que empregamos ao exprimir a dor, o contentamento, etc., fiz mover o baixo no mesmo sentido, ora mais ora menos, segundo os affectos a exprimir, e conservei-o firme entre as harmonias boas e falsas a fim de que, transitando por varios sons, a voz de quem raciocina chegue ao ponto em que no falar ordinario uma nova entoação annuncie novo conceito.

«Comtudo, assim como não ousou affirmar que fosse este o canto empregado nas fabulas gregas e romanas, assim creio ser elle o unico que a musica actual pode produzir para unir-se á actual poesia.»

Aqui temos por conseguinte a historia succinta do estylo recitativo, narrada por um dos seus iniciadores.

Mas o dominio exclusivo d'esse estylo foi de breve duração; com elle a uniformidade tornava-se inevitavel, e a arte morrera de inanição.

Por isso, tirando elementos da canção popular, o rythmo symetrico, independente da accentuação falada, não tardou em apparecer para cortar a monotonia.

Assim nasceu a aria theatral.

Nas operas de Claudio Monteverde, um innovador audacioso que apressou o estabelecimento da harmonia dissonante e da tonalidade moderna, a fórma da aria propriamente dita já se desenha com bastante nitidez.

Essa fórma torna-se porém definida em Francesco Cavalli, um dos mais fecundos operistas do seculo xvii. Teremos nesta audição ensejo de observar como o singelo recitativo foi progressivamente substituido pela aria, até que esta se tornou parte essencial da opera.

A *Ariana* de Monteverde, de que vamos ouvir o celebre *piano* tão expressivo e pathetico, foi representada em 1607, isto é, apenas sete annos depois da *Euridice* de Peri, e já não reproduz o recitativo permanente, embora elle seja ainda a parte mais consideravel da composição.

Enorme porém é a differença de estylo que se nota em Francesco Cavalli, cuja opera *Xerxes* se representou em Paris no anno de 1660.

Quanto a João Baptista Lulli, se é certo que lhe pertence um dos primeiros logares na historia da opera em França, tambem não é duvidoso que a sua parte na evolução musical foi de pouco valor; não fez elle mais do que imitar o estylo de Cavalli, sem nada progredir nem transformar.

No entanto a sua obra é especialmente notavel pelo sentimento dramatico; no program-

ma de hoje figura uma composição que se tornou celebre e ainda resiste aos dois seculos e tanto que tem de idade.

Dois grandes nomes coroam imponentes o programma d'esta sessão: Bach e Haendel.

São dois assombrosos colossos da arte musical. Ambos da mesma gigantesca estatura, ambos da mesma idade, ambos trabalhando infatigavelmente durante longos annos e produzindo verdadeiras maravilhas, ambos, emfim, ameaçados na velhice com as trevas da cegueira que o excesso de trabalho ia produzindo, continuam impávidos o constante labor até ao momento em que totalmente se lhes extinguiu a luz dos olhos.

Raro haverá, se houver, paralelo mais completo. Mas tão exacto é o paralelo como enorme é a distancia que separa no mesmo nivel estes dois grandes genios.

Bach trabalhou quasi exclusivamente a polyphonia, e com ella fez prodigios de technica e de sentimento. Haendel serviu se das fórmas polyphonicas simplesmente como de um material que empregava quando lhe convinha, pondo-o de parte para se servir de qualquer outro.

E note-se: na obra de Bach, apesar de limitada a uma fórma unica, não ha menor abundancia de idéas, menor intensidade de sentimento, nem menor variedade de meios do que na obra de Haendel, apesar de este se servir com talento supremo de todas as fórmas que a arte no seu tempo lhe pôde suggerir.

Outra antithese: Bach viveu em modesta mediania, quasi ignorado, mal comprehendido, podendo dizer-se que só elle sentia o que escreveu; ao contrario, Haendel gosou o fastigio da gloria, o cumulo das riquezas, e não era o sentimento proprio mas sim o do publico que elle traduzia nas suas obras.

Se quizermos synthetisar estes dois nomes, diremos: um é divino, outro humano.

Mas — ex.^{mas} sr.^{as} e ex.^{mas} srs. — as minhas breves e fracas palavras pouco — tanto como nada — podem dizer d'estes dois sublimes musicos, sobre os quaes tanto se tem dito e escripto.

Por isso peço perdão se emmudeço neste ponto; só repetirei o verso de Camões:

Melhor é experimental-o que julgal-o.

Disse.

ERNESTO VIEIRA.



Pelo Estrangeiro

Mais uma deliciosa carta, a ultima que recebemos do nosso illustre Director. De antemão esperamos será, como as anteriores, devidamente apreciada.

Querido amigo:

Extranha e versatil cidade esta! Quando aqui cheguei, ha pouco mais de meia duzia de dias, o unico pensamento do parisiense, *badaud* e frivolo, era a decantada *affaire Steinhell*, com todos os seus tragicos pormenores de sangue e de mentira.

Cantaram na as revistas nos theatros *d'à coté*, reproduziram na os cinematographos, descreveram na os grandes quotidianos, em successivas tiragens disputadas a socco por uma cidade inteira.

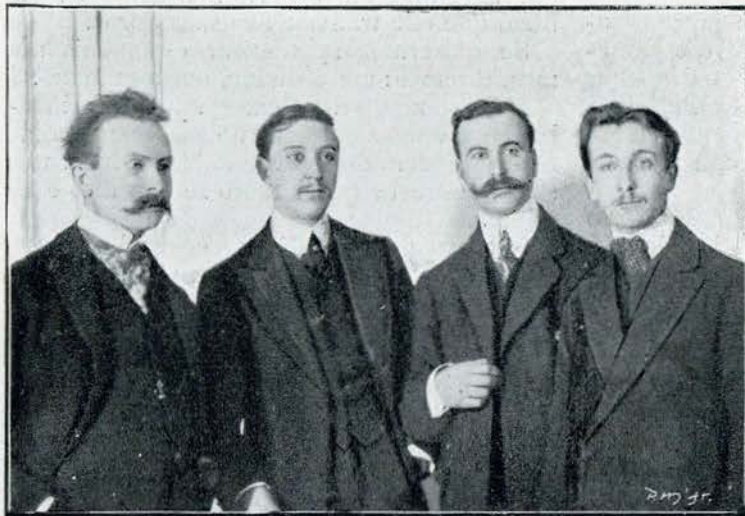
O proprio *camelot*, que soubera espicaçar durante uns dias a curiosidade do passeiante, não tardou em dar o caso por concluido:

Enfin! Ça y est!
Elle est à St-Laçare!

E o bom do parisiense nem tanto precisava ouvir para enveredar para outro lado. Insensível aos ultimos gritos da rua:

Elle n'est plus souriante!

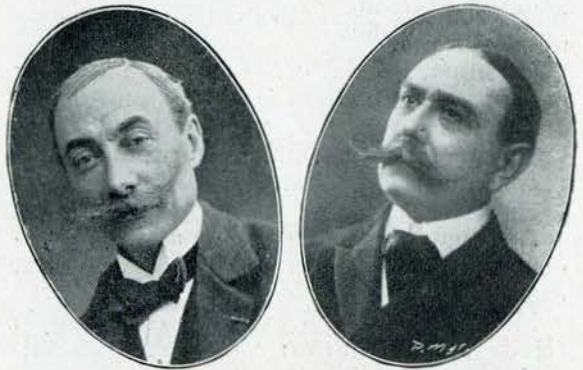
lá se foi, em massa, para o *Salon de l'Automobile*, embasbacar se no luxo das *carrosseries*, na elegancia e gracilidade das parisienses, e, mais que tudo, no offuscamento das



O QUATUOR LEJEUNE

miriades de lampadas multicôres e no aspecto verdadeiramente feerico do conjunto.

Passado o primeiro minuto d'assombro, voltam-se as atenções todas para o assumpto *Messenger-Broussan*, assumpto a que o *vil metal* não foi certamente estranho e que



MESSAGER E BROUSSAN

Directores da Opera

ameaçou descasar para todo o sempre a incipiente administração do Lyrico. Todos os olhos se fitaram no joven par: todas as boccas commentaram o passageiro amuo.

Por tres dias, já se sabe. Depois vieram outros e outros casos de sensação, alimento sempre fresco para as mandibulas insaciaveis d'este gigante, folião e egoista, que se chama o povo de Paris.

Enfronzado na minha musica e nos meus concertos, sinto prazer em afastar os olhos d'esse turbilhão de cousas, que mediocremente me interessam, como transeunte, e em cujo fundo não é difficil descobrir uma camada, mais que razoavel, de lodo e lixo.

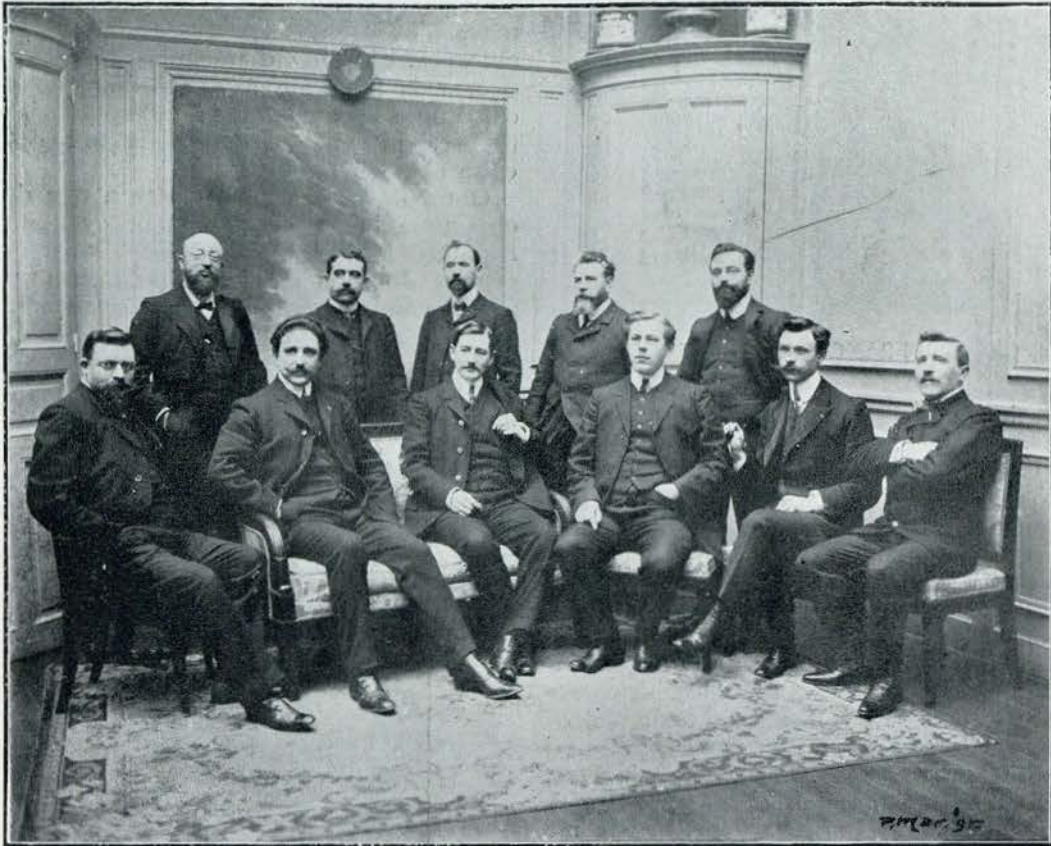
Nas notas que vou cuidadosamente tomando, sublinhei o *Quatuor Lejeune*, para lhe dar um bom logar n'esta desataviada correspondencia. São moços os quartetistas e tiveram um bom gesto de mocidade, idealista e fervente, propondo-se a fazer em successivas audições a historia do quarteto de corda. O cyclo allemão, a cuja primeira sessão assisti, comporta nada menos de oito concertos, que vão desde os fins do seculo xvi até á actualidade, e foi en-

cabeçado por uma conferencia de Vincent d'Indy, cujos dotes d'eloquencia, por signal, não lograrão nunca offuscar o talento incontestavel do compositor e do mestre.

Não pôde deixar de ser um tanto arido, para o ouvinte, um tal trabalho historico; as duas primeiras sessões sobretudo, consagradas aos primitivos, teem de ser necessariamente pesadas e até, para uma grande parte do publico, completamente falhas d'interesse; parece que assim mesmo o entenderam os

luctando com as deficiencias de uma sala microscopica, como é a salinha Mustel, teve artes de me desvendar inesperadas bellezas nas velharias de Staden, Rosenmüller, Buxtehude e Fasch, que constituíam o fundo do primeiro concerto. Nos seus quatro arcos ha essa cohesão intima, essa unidade de sentimento e de technica, tão essenciaes na musica de conjuncto e que ainda nos melhores grupos, fallecem ás vezes.

O *Double Quintette de Paris* merece tam-



O «DOUBLE QUINTETTE»

organizadores do cyclo, buscando o concurso de J. Bizet em peças d'Orgão Mustel, por completo estranhas á historia do quarteto, mas que operam uma salutar diversão na forçada aridez dos primeiros programmas.

Para mim foi mais que diversão, foi um alto prazer ouvir este organista, um dos mais considerados de Paris e justamente aquelle que leccionou, no Orgão Mustel, o nosso querido e talentoso Ernesto Maia. E' extraordinario de mimo e de expressão o que elle faz no lindo instrumento!

Quanto ao *Quatuor Lejeune*, se bem que

bem referencia e das mais elogiosas. Fundado ha doze annos no intuito de divulgar boas obras para instrumentos de sôpro e outras em que estes se associam ao arcos, conta hoje entre os seus elementos artistas de subido valor, como Pierre Sechiari no violino, Adolphe Hennebains na flauta, Louis Bas no clarinete, etc. O concerto em que os ouvi, unico que davam n'esta epoca, enumerava como peças *d'ensemble* uma nova *Sérénade* de Bernard Sekles, que me pareceu bastante descosida, e por vezes banal, o *Septuor* de Beethoven, executado com infinita precisão e

côm um colorido e limpidez adoraveis, e um dos magistraes *Concertos de Brandeburgo*, de alta responsabilidade para o pianista, Georges de Lausnay, e absolutamente perfeito pela seriedade da interpretação e pelo meticuloso respeito de todos os pormenores.



FRANCIS COYE

No lote das surpresas devem figurar os nomes de Francis Coye e de Joseph Hollman, pianista e violoncellista que ouvi em um concerto dado pelo primeiro na sala dos Agricultores. E eis o motivo da surpresa. Nunca ouvira falar em tal Francis Coye, que julgo saíu do Conservatorio ha pouco mais de dois annos; pois os *Estudos Symphonicos* de Schumann e a *Fantasia* de Chopin, que lhe ouvi, deixaram me tão fortemente impressionado, que não hesito em classificar este *novo* a par de muitos... velhos. Quanto ao violoncellista Hollman, de fama europêa não foi menor a surpresa, mas... em sentido inverso, e sobretudo um *Chant du Soir* e uma *Sonata* de Haendel com que o celebre artista me mimoseou, mostraram-me até que ponto se pôde desnaturar o estylo dos grandes compositores e falsear, por lamentavel affectação e inutil emphase, as mais simples intenções d'esses mesmos compositores.

Para não lhe falar exclusivamente de concertos, vou alludir, se bem que momentaneamente, aos grandes representantes da industria instrumental franceza. Não me deterei nos Erard e nos Pleyel, que continuam a ter aqui *le haut du pavé* em materia de construção de pianos. São velhas casas, de reputação mundial, a cujos respectivos chefes, Blondel e Lyon, velhos amigos a quem sou particularmente deverdor de gentilezas sem conta, já a *Arte Musical* se referiu largamente em outras occasiões.

E' preciso pôr o nome d'Etienne Gaveau ao lado d'elles. Etienne Gaveau e os seus irmãos teem incontestavel direito a um tal lugar, pelo impulso que n'um momento dado e quasi repentinamente souberam dar á sua grande industria. A transferencia da sua séde para a rua *La Boëtie*, a construção da elegante e vasta sala de concertos, a que anteriormente me referi, o engrandecimento de todos os serviços inherentes á construção e á venda dos pianos, tudo isso que representa o emprego judicioso de valiosos capitaes, collocou a casa Gaveau n'uma evidencia tanto mais honrosa, quanto é certo que lhe são estranhos os habituaes processos da *réclame à outrance*. Vi minuciosamente os ultimos productos da fabrica e posso affirmar que difficilmente se egualam em transparencia de timbre, em egualdade nos diversos registros e em obediencia de teclado.

Outra das casas importantes a que dediquei uma longa visita, é a do sympathico Alphonse Mustel. O *Harmonium Mustel* não precisa do meu elogio; de resto, com profundo conhecimento da causa e nas columnas d'esse mesmo jornal, já o nosso bom amigo Maia dissertou largamente sobre elle. Direi comtudo que um tal instrumento, com a variedade de combinações sonoras que o caracteriza, com a promptidão verdadeira-



J. HOLLMAN

mente rara com que responde a tudo o que o artista d'elle exige e com a intensa expressão que n'elle se pôde obter, realisa a propria perfeição no genero. Não se limita porém ao *Harmonium* a producção d'esta antiquissima casa franceza: o seu *Celesta*,

que a symphonia moderna exige a cada momento, e o *Concertal*, que me permitto considerar como a unica machina musical que se pôde ouvir sem engulhos, são duas *trouvailles* verdadeiramente preciosas e cada uma d'ellas digna de mais ampla e auctorizada dissertação.

Não posso deixar de falar-lhe tambem da casa Gand (na sua origem *Lupot* e hoje sob a firma de Caressa & Français), que toda a gente, e muito especialmente os artistas do violino e do violoncello, consideram como a primeira casa franceza de violaria da actualidade. Não é exagero da minha parte. Caressa & Français são os *luthiers* do Conservatorio e da Opera: além d'isso, nos autographos que vi de Sarasate, Joachim, Thibaud, Casals e outros artistas de igual jaez, são considerados os *chefs incontestés de la lutherie française* (sic). Quiz portanto estudar de *visu* a notavel officina e dediquei lhe uma manhã inteira. Vi todas as *étapes* da delicada fabricação do violino e dos seus congeneres, os *ateliers* de reparação dos velhos instrumentos (especialidade em que os sympathicos artistas são eximios), e outros pormenores de fabrico, absolutamente interessantes, como os arcos, a resina, as surdinas, as *cordes filées*, accessorios esses em que os grandes tocadores são particularmente exigentes e em que Caressa & Français attingiram uma perfeição unica.

Termino este passeio pelas fabricas, pas-



ETIENNE GAVEAU

seio talvez demasiado fatigante para a sua paciencia, registando a visita feita a Cavallé-Coll, ou antes a Ch. Mutin, actual represen-

tante e chefe da maior officina d'orgãos que existe no mundo.

Charles Mutin é um homem encantador e um trabalhador infatigavel, a quem se deve



CH. MUTIN

a maior parte dos melhoramentos ultimamente introduzidos no instrumento-rei. Ha orgãos d'elle nas principaes cathedraes e nas principaes salas de concerto do mundo inteiro e, como suprema consagração do seu talento, acaba de ser encarregado de construir o orgão monumental para S. Pedro de Roma, feito a expensas dos fieis de todo o mundo catholico. Foi o proprio Mutin quem me acompanhou na interessante visita por todas as dependencias da fabrica, fazendo-me ouvir desde o modesto orgão d'aldeia até ao monstro de 6000... boccas, e monstruosidade é, com effeito, um instrumento que vale o melhor de 50 contos de réis!

Mas que admiraveis sonoridades, que espantosa variedade de timbres e que delicadeza de teclado em todas as bellas peças que ali pude admirar! Aperta-se-me a alma ao pensar que, na nossa malfadada terra não haja uma irmandade que se disponha a gastar 4 ou 5 contos para ter um Cavallé-Coll, em vez de contentar se com as carunchosas reliquias de Machado Cerveira e outros, que são hoje verdadeiras *caixas d'assobios*, como os especialistas lhes chamam, e cujo significado artistico e cultural é mais que nullo — porque é vergonhoso.

Triste, como é triste o estado de miseria, literalmente indecente, a que chegou a musica sacra, na maior parte dos nossos templos...

Mas não nos detenhamos em magoados commentarios, que infelizmente nada melhoraram, e voltemos aos concertos.

Segue nas minhas notas o Concerto La-



ROSÉ FÉART

meureux do domingo, 13, verdadeira solemnidade musical em que se congregaram os primôres de um programma magistralmente confeccionado, com os de uma execução que attingiu, não raro, as cumiadas mais sublimes da arte. Haverá exaggero? Talvez; e não é mau pôr de quarentena os meus *arroubos* de meridional *pur sang*... Em todo o caso as aberturas de *Iphigénie en Aulide* e *Meistersinger* (sobretudo esta, que nunca ouvi tão bem pormenorizada), um delicioso poema de C. Franck, *Psyché*, uma das *Suites lyriques* de Grieg, que o proprio auctor transformou em *suite symphonica*, e a celebre symphonia de Saint-Saëns, com órgão e piano, que eu ainda desconhecia, são obras que realmente se ouviram interpretadas de uma fórmula captivante e suggestiva. E, pelo que respeita á obra de Saint-Saëns, se lhe disser que a clasifiquei *in mente* como a *nona symphonia* dos

tempos modernos, confesso-lhe talvez um disparate, mas dou-lhe uma ideia da profunda admiração que em mim despertou esse trabalho symphonico d'um dos maiores musicos do nosso tempo. A solista dos concertos era Mademoiselle Féart, da Opera, que, um pouco sacrificada em dois *Poemas*, ultramodernos (já dizer, ultra-bombasticos) de A. Caplet, se vingou nobremente na aria do *Fidelio*, de notoria difficuldade para os cantores d'hoje, e que ella disse com summa intelligencia, servida por uma technica excepcionalmente burilada.

Quiz ouvir tambem os decantados *Concerts Rouges*, digno *pendant* na margem esquerda dos *Concertos Touche*, de que já lhe falei.

E' um grande armazem de musica por grosso. Serviram-me um kilo de Schubert, 250 grammas de Beethoven e kilo e meio de auctores antigos e modernos, sortidos. Contentei-me com essas modestas provisões, apesar da casa ser bem afreguezada e haver sortimento para todos os paladares.



A MASCARA DE FRANCK (JOUANT)

Do cyclo Cesar Franck, que tambem não é novo para si, se teve a coragem de lêr as anteriores cartas, ainda assisti a um terceiro concerto, no velho pardieiro da *Schola Can-*

torum. Enchia o recinto da vetusta abbadia uma multidão de artistas, de padres, de amadores e de alumnos. Entre estes me enfileirei piedosamente para ouvir mais uma vez a palavra do Mestre, cuja mascara severa se divisava ao fundo da sala, n'um bronze de Jouant.

Com que recolhimento, quasi adoração, se escutaram ali alguns dos magnificos *Coraes* para orgão e a divina *Sonata* de piano e violino! Boulnois n'aquelles e Dron-Parent n'esta ultima, foram os apóstolos convictos da grande arte do mestre belga — e se ao violinista Parent se poderia exigir um pouco mais de brio e fogo em certos momentos de maior expressão dramatica, é certo que resgatou em grande parte esse defeito, com a delica-

ha sete annos por Ch. Bouvet e por elle dirigida ainda. O fim da audição, sob o ponto de vista lucrativo, e o de outras identicas que se vão seguir, é contribuir para o engran-



M. me MELLOOT-JOUBERT



CH. BOUVET

deza e extrema intelligencia que poz em toda a execução.

A noite de 17 foi consagrada exclusivamente a João Sebastião Bach. Organisára o concerto a *Fondation J. S. Bach*, instituida

decimento do museu d'Eisenach, creado na casa natal do Mestre dos mestres. Entre os numeros mais salientes registo o *Concerto* em lá menor, para piano, flauta, violino e orchestra, que não pertence á serie dos do margrave de Brandeburgo — um *Coral* e uma *Pastoral* para orgão, pelo velho Alexandre Guilman, que eu não ouvia ha bons oito annos e, por signal, me pareceu um tanto cahido — e uma encantadora *Cantata nupcial*, a que a linda voz de Mademoiselle Melloot-Joubert deu um realce extremo, e em que o violino, o cravo, a flauta e oboé d'amôr teem importantes e lindissimos solos.

(Para o caso que algum dos meus raros leitores ignore o que seja o *oboé d'amôr*, e sem querer dar-me ares doutoraes, direi que este instrumento, hoje em desuso, está uma terceira menor abaixo do oboé ordinario e tem o tudel e a campana semelhantes aos do corn'inglez. Como som, é mais brilhante que este ultimo e menos agreste que o oboé.)

O conjuncto d'essas obras foi summamente bello e artistico, e tudo correria no melhor dos mundos, se não intervem um tal Panetton, que pelo sobrenome não perca, baixo cantante de profissão e digno representante da raça... canina. Não cheguei a averiguar quaes as verdadeiras intenções do demonico do homem; certo é que por pouco me não estraga o concerto todo, e até a digestão d'um optimo jantar, que ha pouco saboreára alegremente com alguns artistas e amigos. E francamente... *c'est pas rigolo*, como elles dizem.



OPERA COMICA (FOYER)
(Fragmento)

de contentar-me com um *gala*, que é como quem diz uma *mayonnaise* musico-dramatica, em que tudo apparece, menos o que nos convem e desejaríamos ter. E se não veja. Como actores tive Mounet-Sully, Madame Bartet, Le Bargy, Huguenet, Georges Berr, Leloir e Mesdemoiselles Sorel, Piérat e Provost; como cantora Adèle Isaac Lelong; como pianista Léon Delafosse; como musica d'*ensemble* os còros do Conservatorio, sob a direcção de Busser e Gabriel Fauré, e a *Société des Instruments à vent*, em obras de Beethoven e Saint-Saëns. Não se pôde dizer que seja para desprezar este conjuncto de cousas, mas em boa verdade e áparte os grandes actores, deante de cujo talento não posso deixar de curvar-me com



L. FUGERE

O ultimo concerto de que lhe vou dar conta é o de domingo passado, no salão do Conservatorio. Por falta de tempo e tambem um pouco por inadvertencia, não tinha ido ainda ao Conservatorio, perdendo assim a occasião de ouvir uma das melhores orquestras de Paris. Remediarei a falta quando voltar á grande capital; por agora tive

reverencia, o que sinceramente me enthusiasinou foi a Sociedade dos instrumentos de sopro. Foi esta sociedade fundada ha cerca de 30 annos pelo ha pouco fallecido Taffanel, que além de direc-

tor d'orchestra era, como sabemos, flautista eximio. Depois de um interregno de tres annos, recomeçou a sociedade em 1898 os seus trabalhos sob a direcção de Prosper Mimart, clarinetista verdadeiramente notavel, professor do Conservatorio e solista da Sociedade de Concertos. Não lhe descreverei a impressão produzida pelas duas obras que este grupo excepcional apresentou no *gala* do Conservatorio: os curiosos efeitos de timbres, que elles põem em relevo, a meticolosa combinação de valores, estreita affinidade d'intenções, (com meios de acção tão diversos), finalmente, a rara plasticidade de todo o conjuncto, são condições que não será facil encontrar em nenhuma outra sociedade d'esta natureza.

Não lhe tenho fallado de theatro, pela simples razão de que raramente o tenho frequentado, d'esta vez. Não resisti comtudo a ir vêr *Sanga*, a novidade da Opera Comica, este anno.

A musica é d'um novo, Isidore de Lara, musica requintadamente moderna, a que não faltam de onde em onde as estravagancias polyphonicas e as brutalidades sonoras, que parece serem de rigor na musica do nosso tempo; tem todavia a vantagem de ser nimiamente franceza e não pretender macaquear o Wagner, erro em que teem caído muitos dos *gros bonnets* da arte actual. Tem mesmo muitas situações encantadoras — o dueto d'amôr do primeiro acto, a phrase de Lena:

*D'un fidèle amour les fleurs sont l'emblème
Il m'a donné ces fleurs, il m'aime !*

a majestosa symphonia do segundo acto, à *rideau levé*, a saudação de Maître Vigord (Fugère) aos noivos, toda a scena do quarto acto entre o tenor e a noiva que lhe foi im-



ISIDORE DE LARA

posta, etc., etc; sendo tambem para notar-se a magnifica *mise-en-scène*, especialmente a scena da neve nas montanhas (2.º acto), cujo effeito é surpreendente e novo.

Sanga e Maître Vigord são os papeis capitães da peça. E' portanto em torno de Made-moiselle Chenah e de Lucien Fugère que, sob o ponto de vista da interpretação, se accumula todo o interesse da peça, mas devo dizer que este ultimo, apesar de empoleirado em toda a sua celebridade, me pareceu um tanto rouco...

Meu amigo, não ha tempo para mais. De-sejo-lhe, a si e a todos os amigos de Lisboa, um Natal cheio de alegrias, e emquanto ahi festejarem o perú familiar, rodeados pelos que lhes são mais queridos, estarei eu brindando, no meu modesto *réveillon* de bordo, pela ventura de vós todos e pelo progredimento da nossa pobre arte portugueza.

Adeus, pois, até Lisboa.

Seu muito affectuoso

Paris, 23 de dezembro de 1908.

LAMBERTINI.



M.ª CHENAL

A Burguesinha

Comedia lyrica em 4 quadros, de E. Goluciano e musica do maestro Augusto Machado

Tratando se de um novo original portugês, de auctor já de mais de uma vez justamente applaudido, pareceu-nos dever inserir na *Arte Musical* o argumento sobre que elle escreveu a musica que muito desejaremos, quando brevemente se representar, agrade ao publico e á critica.

PERSONAGENS

O Marquez De Sterny.
Laloine, plumaceiro.
Prospero Gobillou.
Lisa. (a) } filhas de Laloine.
Germana. }
Tirlot.
Amanda.
Flaminia (a) (a mesma artista).
Lingart.
Marinet.
Um creado.
Um aprendiz.

Frequentadores e criados do «*Cadran bleu*». Parentes, amigos e convidados, *Muscadins*, damas galantes, aprendizes, garotos, mascaras, guardas campestres.

Em Paris, cerca de 1830

QUADRO I

Sala do restaurante do *Cadran bleu* (Faubourg Saint Martin, Paris). Celebram-se as bodas de Prospero Gobillou com Germana, irmã de Lisa, filhas ambas do plumaceiro Laloine. O banquete está a terminar, entre o ruido que vem da sala commum do restaurante, a qual se entrevê á direita. Prospero aguarda a sua nobre testemunha, o Marquez de Sterny, que prometeu assistir ao jantar. Tirlot, pretendente de Lisa, censura o orgulho do Marquez, e Lisa está convencida de que elle faltará á promessa, quando o Marquez lhe dá o desmentido, apparecendo. Acolhido festivamente, vae sentar-se junto de Lisa a descontento de Tirlot. Surge uma turba de aprendizes de Laloine munidos de *mirlitons* entoando uma canção madrigalesca em honra dos noivos. De Sterny dirige galanteios a Lisa, que esta não toma a serio, rindo-se do que elle lhe diz; Laloine reprehende-a, pede ao Marquez que a desculpe: Lisa, apesar dos seus 20 annos, é sempre uma creança, cheia de mimo. A morte da mãe causou-lhe tamanha dôr que adoeceu perigosamente, a ponto de julgar-se que não resistisse, e ainda hoje

se queixa a miude. O Marquez responde a Laloine que de modo algum ficou offendido, e continua a dirigir galanteios a Lisa. Os convidados commentam malevolamente o dialogo dos dois. Tirlot está visivelmente contrariado. Os convidados (homens) troçam, bebem sempre e entornam o vinho sobre Tirlot. Este diz-lhes que sejam mais cautelosos. Depois pede para fazer um brinde; os convidados ouvem o brinde ridiculo de Tirlot e applaudem-n'o exageradamente.

O Marquez péde a Lisa que annuncie tambem um brinde que elle deseja fazer. O Marquez entõa o brinde que allude mais a Lisa que aos heroes da festa. Todos applaudem o Marquez com enthusiasmo. Depois saem os convidados para a sala do baile a fim de se organizar a quadrilha de honra, deixando sós o Marquez e Lisa. Esta agradece ao Marquez a amabilidade do seu brinde e mostra a divisa de um medalhão que traz consigo, reliquia de sua defunta mãe: *Querer é poder*. De Sterny sente-se encantado com a doce ingenuidade de Lisa e pergunta-lhe quem é o preferido do seu coração. Lisa responde tristemente que *tudo se pôde quando se quer*, menos ser amada. Irrompem todos os convidados da boda, prestes para a contradansa, cuja musica banal começa a ouvir-se no piano. O Marquez offerece o braço a Lisa, para dansarem juntos a contradansa, ficando Tirlot contrariadissimo.

Entram os pares para a sala da esquerda onde rompe a quadrilha.

QUADRO II

A Sala azul nos aposentos do Marquez de Sterny. Tudo alli revela um homem opulento e de fino gosto; quadros, estatuetas, mobiliario sumptuoso, bugingangas preciosas. Uma turba de *muscadins* e damas galantes pergunta pelo Marquez a um creado que lhes diz que o Marquez está ausente. Não acreditam, insistindo sempre. Fazem maliciosas observações sobre o seu retrahimento, que uns attribuem a uma paixão sentimental pela burguezinha do Faubourg Saint Martin, outros a amores com a *demi-mondaine* Flaminia, retrato vivo da burguezinha.

Entra o Marquez que fica surprehendido de ver os seus amigos; estes convidam-n'o para uma passeata no dia seguinte a Saint Germain. Ha uma aposta entre Amanda (uma das damas galantes) e Lingart (um dos *muscadins*), asseverando a primeira maliciosamente que elle não accéptará o convite. De Sterny diz-lhe rindo que ella perderá a aposta, e Amanda, ao despedir-se do Marquez, diz-lhe que se assim fôr, compensal-o-ha com o seu amor.

Sahem todos, ficando só o Marquez; chama o creado e recommenda-lhe que a ninguem recebe. Contempla enlevado o medalhão, que Lisa deixou cahir na sua carruagem onde entrou por equivoco no dia das bodas de Germana. Lastima a vacuidade do seu viver de orgias, mostra os anseios por um amor puro e conclue que ama Lisa. N'isto entra o creado, annunciando-lhe que, segundo as suas recommendações, despediu uma visita. Quem era?... Prospero Gobillon. E o Marquez, contrariado, ordena-lhe que lhe vá no encalço e o mande entrar. Prospero hesitante entra, cumprimenta respeitosa-mente o Marquez, e diz-lhe que vem fazer-lhe a devida visita de agradecimento. A's perguntas do Marquez denuncia que Germana e Lisa estão em baixo na carruagem. Alvorço do Marquez que insta para que ellas subam. Elle proprio as vae buscar acompanhado de Prospero. Ouve-se fóra o toque de uma fanfarrá regimental, ao som da qual entram os visitantes. Estes ficam extasiados vendo a elegancia da sala e os objectos preciosos n'ella contidos. O Marquez offerece uma lembrança a cada um dos noivos, deixando a Lisa a escolha do objecto que preferir. Lisa, por modestia, lança as suas vistas sobre um leque muito singelo. Como De Sterny hesita, ella suppõe que o leque é uma recordação de amor, e cae em deliquio. «Um symptoma da doença do coração que a mina!» explica Prospero. Mas, ouvindo que o leque é para o Marquez uma recordação saudosa de sua mãe, Lisa volta a si, denunciando na sua alegria, contra a propria vontade, o amor que lhe vae n'alma.

Entra Tirlot, que vem buscar os noivos e Lisa para a projectada passeata a Saint Germain. Lisa, para disfarçar a sua emoção, mostra-se enthusiasmada com o passeio e com a companhia de Tirlot. O Marquez, despeitado, quer vingar-se da fingida indifferença de Lisa, restituindo o medalhão que achou e simulando não saber a quem pertence. Lisa sae, dolorosamente ferida, na companhia dos seus. De Sterny, cahindo em si, sente remorsos pela angustia que lhe causou.

QUADRO III

Encruzilhada na floresta Saint Germain. A tardinha. Enquanto uns garotos jogam á cebra cega, Laloine, Germana e Prospero lançam em rosto a Tirlot ter espantado o cavallo em que ia Lisa, a qual se salvou graças á intervenção casual do Marquez. Os dois desappareceram em seguida como uma setta. A familia anda á procura de Lisa, e Tirlot vocifera contra o Marquez que considera seu rival. Apparecem alguns guardas da floresta

a quem Laloine pergunta se deram fé de um cavalleiro e de uma senhora. Os guardas respondem que sim, indicando o sitio onde os viram. Os quatro affastam-se. Pouco depois apparece Lisa, vestida de amazona, fugindo do Marquez, receiosa de que a atraioe o proprio coração. Mas De Sterny vem-lhe no encaço. Em phrase ardente declara-lhe a sua paixão. Lisa procura retrahir-se, medindo a distancia que socialmente os separa. Por fim, vencida, cae-lhe nos braços, no momento em que se approximam os *muscadins*, amigos do Marquez, com as suas companheiras da vida airada.

Todos dirigem a De Sterny insinuações ironicas, á vista de Lisa que cahiu meio desfallecida sobre uma pedra. O Marquez, furioso, desafia Lingart. O grupo affasta-se commentando malevolamente o procedimento do Marquez. Uma trovoada que se iniciou no principio do quadro vae-se tornando mais intensa. O Marquez, ficando só com Lisa, procura reanimal-a. Lisa pede-lhe amargamente que siga os seus amigos. De Sterny, relucante, ouvindo as vozes de Germana, Laloine, etc., que andam em busca de Lisa, affasta-se. Lisa desfallece de novo murmurando: «*Estava escripto... morrerrei por elle.*» Apparecem em scena precipitadamente Germana, Laloine, Prospero e Tirlot, os quaes, vendo Lisa desfallecida, soltam um grito de terror, approximando-se d'ella com anciedade.

QUADRO IV

Baile de mascaras em casa do Marquez. Começa a alvorecer. Grupos de mascaras tumultuando. Amanda, dialogando com Marinnet, allude ao duello do Marquez com Lingart em que este ficou ferido. Diz que o Marquez se consola dos desdents da burguezinha nos braços de Flaminia, o seu retrato vivo. Flaminia surge com effeito, em costume de *Folia*, pelo braço do Marquez, apresentando-se orgulhosamente como sua amante official. No momento em que o Marquez, tentando evidentemente distrahir-se de intimas preoccupações, manda cerrar as janellas para que o sol não perturbe a orgia, ouvem-se dobres funebres. Um creado introduz Prospero, vestido de luto; a pedido do Marquez, as mascaras deixam-n'os sós. Prospero narra a doença de Lisa, em seguida ao passeio a Saint Germain, e sua rapida agonia, durante a qual ella lhe pediu para que o seu cadaver passasse por casa do Marquez e que a este fosse entregue o medalhão. «*Querer é poder*», foram as suas derradeiras palavras, «*excepto ser-se amada*». Continuam os sinos a dobrar juntamente com vozes de fóra que entoam o *De Profundis*, e de quando em quando

ouve-se simultaneamente, como em contraste, o motivo de uma valsa. De Sterny chora no auge da dôr a pobre martyr, e Prospero implora a Deus o perdão para elle.



Com a *Aida* começaram no dia 19 do corrente os espectaculos da companhia lirica italiana.

Não queremos falar da anciedade com que eram esperados. Seria uma futilidade. Mas todos os assignantes desejavam ouvir os artistas para julgar das suas aptidões. E cá estamos nós tambem a dizer da nossa justiça.

Principiaremos por cumprimentar a sr.^a Haricléé Darclée, cujo nome não tinha sido inscripto no elenco e que na *Aida* fez a sua apresentação, tornando-se, como sempre, digna de aplauso, embora a sua voz se tenha resentido bastante das fadigas de muitos anos de trabalho.

Uma outra artista nossa conhecida, e que tivemos o prazer de ver em S. Carlos, é a sr.^a Blanca Lavin, meio-soprano de voz bem timbrada, bastante sonora nos graves, emissão facil e dicção suficientemente clara. Tudo magnificas qualidades a que falta apenas o vivo e quente colorido de um apaixonado e suggestivo modo de sentir.

O egipcio guerreiro Radamés é que foi na presente época de uma infelicidade digna de lastima. O tenôr Enzo Leliva, que cantou na primeira e segunda noite, pecava por desafinado. Subia de mais. Tinha alem d'isso um defeito de pronuncia que não deixava perceber o que dizia. O tenôr que lhe succedeu na terceira e quarta recita, Augusto Scampini, precedido, não sabemos porque, de uma tal ou qual fama, não era mais afinado. Esse subia de menos e era alem d'isso dotado de uma insensibilidade, de uma frieza, que gelava as mãos dos que tinham sido alugados para o applaudir. Nem os transes dramaticos por que passou ou a que assistiu o Manrique do *Trovador* foram capazes de o aquecer.

Temos felizmente de nos referir agora a um artista em começo de carreira, que tem por certo um brilhante futuro deante de si e que os frequentadores de S. Carlos acolheram logo na primeira noite com os mais espontaneos e justos aplausos. O Amonasro da *Aida* teve no baritono sr. Enrico Nani um magni-

fico interprete. Voz forte, extensa, bem timbrada, volumosa, dicção clara, engastada num organismo vibratil e inteligente, são qualidades hoje tão raras que se tornam dignas de subido apreço. Quanto a educação musical, o sr. Nani tem a precisa para fazer carreira distincta no drama lirico moderno. Na opera antiga, a do velho repertorio, em que o artista tem de mostrar agilidade de vocalização ou o sentimentalismo do *bel canto*, com todos os encantos do colorido e da firme sonoridade das notas, o sr. Nani não pôde satisfazer ás exigencias requeridas a um bom artista, tal qual era considerado em épocas que já vão longe. Foi o que succedeu com o conde de Luna do *Trovador*, opera cantada em 26 do corrente. Nessa noite o sr. Nani foi justamente aplaudido em algumas ocasiões; noutras, deixou bastante a desejar. E não estranhámos o facto. Nem d'isso o baritono Nani tem a culpa, que em parte provém da orientação dada pelo drama lirico á educação do artista. Se a decadencia da arte de canto principiou a manifestar-se em épocas que já vão longe, mesmo quando a velha opera imperava, não temos de estranhar que o artista moderno só se prepare para cantar o que actualmente se lhe exige. Outr'ora eram precisos muitos anos de estudo para o artista poder cantar bem uma aria ou mesmo uma romança. Hoje, tendo voz forte, bem timbrada e afinada, em poucos mezes está apto para entrar em scena e dominar as plateias. O mais que podemos fazer, ou melhor, o que se deve exigir, é riscar dos cartazes a pálida exhibição das figuras que animavam e davam vida ficticia e convencional á opera antiga.

Aplaudamos portanto o baritono Nani, que é um bom exemplar da escola moderna.

Tendo de falar do desempenho do *Trovador*, resta nos fazer referencia ás artistas sr.^{as} Elvira Magliulo e Tina de Angelo.

A sr.^a Magliulo é uma soprano que muito discretamente se desempenhou dos dificeis encargos da Leonor do *Trovador*.

Para a voz da sr.^a Tina de Angelo o teatro de S. Carlos é demasiado grande. Nem o timbre da sua voz tem as características de contralto ou mesmo de meio soprano, para poder satisfazer ás exigencias da parte da Assucena do *Trovador*.

E temos terminado as nossas considerações quanto a artistas de canto da companhia lirica italiana, ouvidos em S. Carlos na *Aida* e no *Trovador*. Oxalá que a nova empresa, que com tão boa vontade de bem servir o publico encetou os seus trabalhos, possa d'aqui em deante apresentar melhores artistas.

Figura importante e digna da nossa particular atenção, a do mestre, ensaiador e di-

rector de orquestra Leopoldo Mugnone. Agrada-nos o cuidado com que ensaiou as duas primeiras operas cantadas. Grandes efeitos de colorido e sonoridade: batuta firme, embora muito movimentada. Leopoldo Mugnone mostra-se conhecedor dos segredos da sua profissão e parece-nos que ha de ser de muita utilidade á empresa, se esta lhe fornecer cantores que não deslustrem o seu trabalho. D'outro modo nem o apuro de muitos ensaios, nem sucessivas noites de descanso conseguirão fazer apresentar espectaculos com o esplendor preciso para obter o aplauso dos *dilettanti*.

A orquestra, com maior numero de professores do que teve com a companhia francesa, encetou os seus trabalhos com um apuro digno de elogio e de aplauso. Mais tarde teremos ensejo de a ella nos referirmos mais detidamente.

Em ambas as operas cantadas os córos se mostraram bem ensaiados, á parte a má influencia de uns velhos elementos que muito estão a precisar de reforma. E' caso para repetirmos o que já dissemos na nossa penultima cronica, referindo-nos á nova empresa: «este primeiro ano será de experiencia, para depois firmar os seus bons creditos».

*

Em sexta recita de assinatura foi hontem cantado o *Barbeiro de Sevilha*. O *capo lavoro* de Rossini teve uns interpretes que na época presente são muito dignos de aplauso.

Mignon Nevada, *Rosina*, é uma esbelta adolescente, com voz de timbre pouco sonoro, mas afinada, bem educada, com vocalização facil e bastante correcta. Na scena da lição cantou a canção do Mysolis, da opera *La perle du Bresil*, de David, que lhe valeu uma ovação. Não é, não pôde ser uma artista feita, porque é muito nova, talvez 18 anos, mas ouve-se com prazer e pelo seu correcto trabalho como cantôra e comediantete merece o estimulo do nosso aplauso.

O tenor Fernando Carpi está em idênticas condições. Nôvo ainda e por certo em começo de carreira, tem bastante voz, de timbre agradável, muito firme na afinação e vocaliza com uma correcção digna de nota. E' artista para agradar. A cavatina e canção do primeiro acto disse-as um tanto a mêdo, o que é natural em uma noite de apresentação.

O baritono Nunzio Rapisardi está bastante á vontade no papel de *Figaro*. Como cantôr podia brilhar um pouco mais, porque tem voz para isso, mas faltam lhe alguns requisitos essenciaes.

Antonio Mardones muito regularmente na parte de *D. Basilio* e Raffael Barocchi bastante jocoso no papel de *D. Bartolo*.

E' caso para como assignantes devermos agradecer á empresa o turno de artistas que hontem debutou.

E acabamos por onde deveriamos ter começado: pela sinfonia, que teve uma execução magistral, sob a direcção da nervosa e firme batuta do *maestro* Mugnone, que ensaiou a orquestra com meticoloso cuidado, conseguindo efeitos de colorido que lhe mereceram calorosos e repetidos aplausos.

31 de dezembro.

ESTEVES LISBOA.



CARTAS A UMA SENHORA

124.^a

De Lisboa.

Eu deveria deixa-la respirar uns dias e não atravancar de novo o seu caminho com as pedras toscas da minha insonsa prosa; mas acordei com o incomprimível desejo de desabafar comsigo ainda antes do findar do anno, embora estas linhas só lá lhe cheguem depois d'elle extinto, e porque a sei inexgotavelmente boa, isto explica a presente epistola que, prometto, se não é talvez menos fastidiosa que as anteriores, será em todo o caso mais pequena.

Na melancholica hora que passa, um pouco da divina idealisação do amor e da encantadora e penetrante immaterialidade da ternura, fazem falta ás almas eguaes á minha que muito soffrem com o conflicto rude dos interesses em que a vida se debate; e, como aqui, ai de nós, vão faltando, até no seu sexo, sobretudo no seu sexo, aquellas generosas e compassivas creaturas que nossas feridas guareçam e nossos achaques saem; como, ao contrario, estão surgindo pessoinhas, aliás deliciosas de figura e de rosto, de cujos labios feitos por Deus para o perdão e para a doçura, saem — horrenda cousa! — palavras de odio e de exterminio; como ha já lindas raparigas cheias de mocidade e de belleza prégando a perseguição e creio que a morte, no momento mesmo em que a existencia para ellas se desata em perfumes e em sorrisos: eu preciso de refugiar-me no asylo seguro de alguns corações dó feito e da côr do seu, e esquecer que estou em Lis-

boa, na terra amada onde o matto é flor e ás vezes os seixos são marmore, emquanto o espirito se me perde pelo espaço fóra perguntando aos echos que especie de epidemia estranha assolou agora estas paragens tepidas, para já quasi não podermos trocar quatro palavras com alguém sem corrermos o risco de ver surgir uma bulha.

Ah! Querida amiga, de sobra sabe que eu não sou precisamente um matamouros, e o meu jacobinismo muito bem se deu sempre com o reaccionarismo de varios, desde que n'aquellas cousas fundamentaes que entram pelos dominios da bondade humana, a linha demarcadora das nossas respectivas crenças não accusasse inflexões demasiado fortes; mas, presentemente, a conciliação vae sendo difficil de estabelecer-se em bases de possível equanimidade, e o peor, com que nojo lh'o conto, é que ha padres — padres, percebe? — que se associam á campanha deprimente da divorciar irmãos da mesma patria que a todos nos cobre, e, sendo ministros do divino, ejaculam dos seus labios ungidos imprecações e ameaças, que já nem humanas são!

Ora pois, quão longe estamos d'aquelle modesto parochó de Esmoriz que em 1790, conforme tão lindamente outro dia o narrou o illustre professor Paula Nogueira, se lembra das suas ovelhas, não para as inimisar, mas para lhes pedir que se congregassem e com elle fossem ajuda-lo a plantar pinheiros!

Emfim, conforme mais de uma vez lh'o tenho dito, o odio é insubsistente e nada edifica portanto de viavel e grande, e o instinto de sociabilidade, creador de povos e vivificador das almas, ha de acabar por prevalecer; e aquelles que damnadamente contribuíram para lançar na consciencia portugueza a semente perversa da sizania não levarão a melhor — antes pelo contrario.

Todavia infunde pavor, não é verdade? Mas, deixar, e bemditos os que, no intuito sagrado de contraminar esta miseravel tentativa de retrocesso, de malvadez e de selvageria, procuram congraçar-nos pelo espirito e pela cultura, e envolver-nos a todos na luminosa onda da sympathia humana, suprema efflorescencia da entresenhada piedade divina...

E possa o anno que começa, sob um aliás tão negro cariz, trazer-lhe, santa amiga, e a todos nós filhos da mesma familia que fala a lingua de Camões e Camillo, de Eça e Garrett, a suspirada pacificação dos espiritos e a preciosa alliança das vontades com que confiadamente encaremos a vida e tranquillamente não nos arreecemos da morte, quando um dia esta vier, tarde, muito tarde, ensinar-nos em segredo a ultima e unica lição que nunca se aprende...

AFFONSO VARGAS.



Muito interessante e concorrido, conforme prevíamos, o concerto *Sarti* realizado em 15.

O programma realizado com ligeiras alterações obteve exito completo, e novas e promettedoras vozes se fizeram ouvir, attestando, a par das qualidades proprias, a influencia educadora do mestre de quem receberam lição.

Não especialisaremos ninguem, mas abriremos uma só excepção para pormos aos pés da sempre inconfundivel Madame Sarti os nossos votos para que nunca deixe de nos encantar com a doçura incomparavel e a magia irresistivel da sua voz, delicioso fio de ouro que torna brilhante tudo o que toca. . .

Ao maestro Sarti sinceros cumprimentos pela fórmula elevada e fina como estylisou alguns trechos de Grieg e a canção popular Senhora do Livramento, e como organisou todo o concerto.

*

No dia 26 realizou o illustre professor Francisco Benetó, no Salão do Conservatorio, a sua festa annual. O illustre violinista conta entre nós numerosas sympathias, e entusiasticos admiradores das suas altas qualidades artisticas, e por isso á sua festa concorrem sempre os nossos mais distinctos amadores e artistas.

N'esta audição fez-se ouvir Benetó n'um adagio e fuga de Bach, em que patenteou não só uma mechanic perfeitaissima, como uma apreciavel sonoridade e observancia rigorosa do estylo do mestre.

Ainda na *balada* de Sinding, trecho d'uma esplendida factura e rara originalidade, e por ultimo nas *arias russas* de Wieniawski, sustentou sempre Benetó os seus creditos de concertista de alto valor.

Fóra do programma executou Benetó a romanza de Svendsen a que imprimiu um grande sentimento e colorido.

Benetó foi sempre entusiasticamente applaudido em todos os numeros do programma.

O notavel amator o sr. Antonio Lamas deliciou o auditorio com um trecho de Boisdoffre para *viola d'amor*, revelando mais uma vez os seus dotes de musico eximio, e o completo conhecimento de todos os efeitos que se podem tirar do instrumento a que se dedicou.

O sr. Nunes Baptista, cantor correcto e de bella voz que tantas vezes temos com justiça elogiado, foi calorosamente applaudido nos dois numeros do programma que lhe foram confiades.

Na sonata *Clair de lune* tivemos mais uma vez occasião de apreciar o grande talento e notavel instrucção artistica do sr. Bonet. A fórmula como elle disse o adagio da sonata, seria sufficiente para o classificar entre os pianistas mais distinctos.

O concerto começou com a abertura das *Nozze di Figaro* correctamente executada pelos srs. Bonet, Mackee, D. Stella Avila, Lamas, e D. Luiz da Cunha e Cunha e Silva.

*

Na noite de 30, e não em 28 como primeiro se annunciára, effectuou-se o primeiro concerto da Sociedade de Musica de Camara na época 1908-1909.

Do programma que já aqui foi publicado destacou o publico a sonata n.º 5, op. 24, do immortal Beethoven, que teve por parte da sr.ª D. Ernestina Freixo, ao piano, e de Francisco Benetó, no violino, uma execução digna dos applausos recebidos, e o tão encantador quarteto (op. 7) do venerando Haydn.

O octeto de Mendelssohn pareceu-nos não corresponder em efeitos musicas ao trabalho de technica que representa, trabalho que aliás foi victoriosamente vencido por todos.

Affigura-se-nos, com effeito, esta peça de Mendelssohn das menos felizes da sua vasta obra, e propendemos tambem, como o publico, a julgar que não se recommendando pela elevação da linha melodica nem pela grandeza da concepção architectonica, pecca por demasiado extensa e fatigante, embora numeros haja em que a factura é de mestre.

Mas d'isso não teem culpa os que na sua interpretação pozeram o melhor da sua arte e da sua boa vontade, facto que a assistente enchia a linda sala da *Ilustração Portuguesa* perfectamente reconheceu e amavelmente sublinhou, applaudindo com espontaneidade e escutando com interesse.

Ri-MAL.



Concurso de Musica Portuguesa

Já se encontram em nosso poder diversas composições destinadas ao Concurso promovido pela *Sociedade de Musica de Camara*, cujo fechamento como annunciámos, foi transferido para 31 de março proximo.

Continuaremos portanto a receber os manuscritos até essa data, e rogamos ás pessoas que tiverem mais de uma obra a mandar-nos, as queiram apostillar com legendas differentes.



Theatro da Trindade

No dia 16 cantou-se a *Carmen* na Trindade.

E' a terceira opera que o sr. Affonso Taveira nos apresenta este anno, desempenhada por artistas portuguezes e traduzida para a nossa lingua.

A *Carmen* é uma opera de grandes responsabilidades para todos os artistas, e por isso não admira que no decorrer dos seus quatro actos se notassem alguns pontos fracos, porém não ha duvida que o conjuncto se apresenta de fórma a merecer os nossos elogios.

Especialisaremos o trabalho de Delfina Victor, que ajudada pela sua boa voz e apreciaveis dotes artisticos, nos apresentou uma *Carmen* de valor, e o barytono Bensaude, o cantor de boa escola e artista consumado, que á parte de *Escamillo* deu o maior relevo.

A sr.^a Izabel Fragoso e o tenor Camara foram correctos nas partes de *Micaela* e *D. José*.

O resto dos artistas contribuíram com os recursos de que dispõem para um conjuncto harmonioso e apreciavel.

Os córos e orchestra muito bem, sob a habil direcção do maestro Luiz Filgueiras.

A *Carmen* está posta em scena com o maior luxo de scenario e guarda-roupa.



PORTUGAL

Por falta de espaço não se publicam n'este numero as contas da Caixa de Soccorro a Musicos Pobres, o que se fará no seguinte.

Consociaram-se no Porto o professor Luiz da Costa e a Ex.^{ma} Sr.^a D. Leonilda Moreira

de Sá, filha do illustre musicographo e distinctissimo artista d'este nome a quem Lisboa vota a mesma estima que os seus patrios lhe dedicam.

Que os noivos sejam felizes.

Recebemos um exemplar do Projecto de Estatutos da Associação de Classe dos Musicos Portuguezes e agradecendo á commissão provisoria que o elaborou a amabilidade que teve para com a *Arte Musical*, do coração a felicitamos pela sua tentativa, que oxalá seja em breve uma prospera realidade.

Queremos acreditar que todos os musicos portuguezes farão justiça ás honradas intenções d'este jornal, que são, as de servi-los n'aquillo em que lhe fôr possível fazel-o, e de contribuir para a effectivação pratica de quantas idéas tenderem ao augmento do seu bem estar material e á elevação da sua cultura artistica e indispensavel confraternidade collectiva.

N'este sentido foi-nos deveras agradavel o projecto de estatutos da associação d'uma classe que reputamos das mais benemeritas e das mais credoras da sympathia publica.

Vendo que um dos fins a que se propõe é o de concorrer para a illustração dos seus socios, creando cursos, e estabelecendo conferencias e audições musicas, etc... o voto ardente que formamos, é, que todos a coadjuvem em tão levantado e civilizador empreendimento, e que finalmente se consiga vencer a força de inercia, a indifferença e a passividade de tantos que, se isolados nada poderão, associando-se, tudo lograrão obter.

A propria arte sob cuja egide virão agrupar-se os futuros socios da nova associação, claramente nos está demonstrando, até na sua própria structura, o que é susceptivel de conseguir-se pela harmonia de todas as vozes, no caso sujeito de todas as energias.

Oxalá assim venha a succeder, para proveito proprio dos profissionaes e lustre geral da collectividade, e em summa, para gloria e bom nome da arte portugueza, que tão carecida está de trabalhadores dedicados e de apóstolos entusiastas.

Em edição elegante e correcta, acaba de publicar-se a quarta serie das *Scenas Portuguezas* do nosso illustre compositor e pianista Vianna da Motta. E' um novo repositório de canções populares, tratadas com aquelle bom gosto e segurança de penna que caracterizam os anteriores trabalhos d'este grande artista, e destinado portanto a uma

rapida vulgarisação entre os nossos tocadores. A collecção é dividida em tres numeros:

- 1 — *Canção do Figueiral*
Ao Viatico
- 2 — *O Malhão*
Canção d'Aveiro
- 3 — *Canção da Beira*
Canção do Douro

que estão postos em venda ao preço de 500 réis cada um, ou 1\$200 pela collecção completa.

ESTRANGEIRO

De como a suggestão póde hypnotisar toda uma platéa. O tenor Bonci, que no *Metropolitano* de Nova-York devia cantar a *Traviata*, recusou-se a isso á ultima hora. Estava no palco o seu collega Caruso que, disfarçando-se como foi possível, se prestou a substituil-o.

Pois ninguem deu pela troca, e, pelo contrario, houve espectador que procurou e empresario para felicital-o e affirmar-lhe que o artista que se tinha ouvido valia mais que o tão reclamado Caruso.

Calculem a cara d'elle e dos outros quando o engano se desfez!

O nosso illustre compatriota Francisco de Lacerda, que, como dissemos, está em Montreux, dirige ali os concertos do Kursaal, e tem sido justamente apreciado.

A *Gazeta de Lausanne*, referindo-se a elle, escrevia ser para registar o que conseguia o director de tão reduzida orchestra, e outros jornaes alludem tambem á fina escolha dos programmas executados.

Representou-se agora em Londres uma opera sobre assumpto inglez, *Enid*, extrahido d'um dos mais bellos cyclos do romanceiro celtico, o *Mabinogion*. O auctor é Mr. Vincent Thomas.



Chega-nos a noticia da morte de Gevaert, director do Conservatorio de Bruxellas. Não podendo no presente numero, por exiguidade do tempo e falta de espaço, prestar ao illus-

tre morto a devida homenagem, contamos fazel-o no seguinte, em artigo da penna do nosso distincto collaborador sr. Antonio Arroyo.

Em Milão, um antigo corista, Giuseppe Maschespa, de 66-annos, suicidou-se disparando na cabeça um tiro de revolver. O facto, duplamente triste, deu-se no cemiterio monumental da Casa de Repouso, fundada pelo glorioso Verdi, para os musicos velhos, que não quizessem sair da vida tão violentamente, como acaba de faze-lo o pobre hallucionado.

Em Lisboa registamos com pesar o fallecimento do professor Zepherino José Furtado, que por longo tempo dirigiu a orchestra do Coliseu, onde teve ensejo de mostrar a sua competencia, e o da joven e mallograda pianista D. Laurinda de Sousa Varella, que aos 24 annos era já uma individualidade apreciada.



Mais um anno

Decorrido mais um anno da sua existencia a ARTE MUSICAL cumpre o, como sempre, gratissimo dever de agradecer muito em especial aos seus Ex.^{mos} assignantes a amavel coadjuvação que continuaram a dispensar-lhe.

Esperando no anno que principia não desmerecer da sympathia alcançada, e diligenciando corresponder a ella tanto quanto possível, a todos deseja umas felizes festas e bastas prosperidades.

Egualmente cumprimenta com cordial affecto todos os seus collegas da Imprensa e envolve n'um apertado abraço de confraternidade e de reconhecimento os seus Ex.^{mos} e dedicados collaboradores, aos quaes por egual deseja um venturoso anno.



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotta. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.
PARIS. — 334 RUE ST. HONORÉ.
LONDON W. — 10, WIGMORE STREET.

LAMBERTINI

Representante e unico depositario
dos celebres pianos de
BECHSTEIN

BERLIM—CAROL OTTO—BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa sonoridade — Afinação segura — Construção solida

BERLIM—CAROL OTTO—BERLIM

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

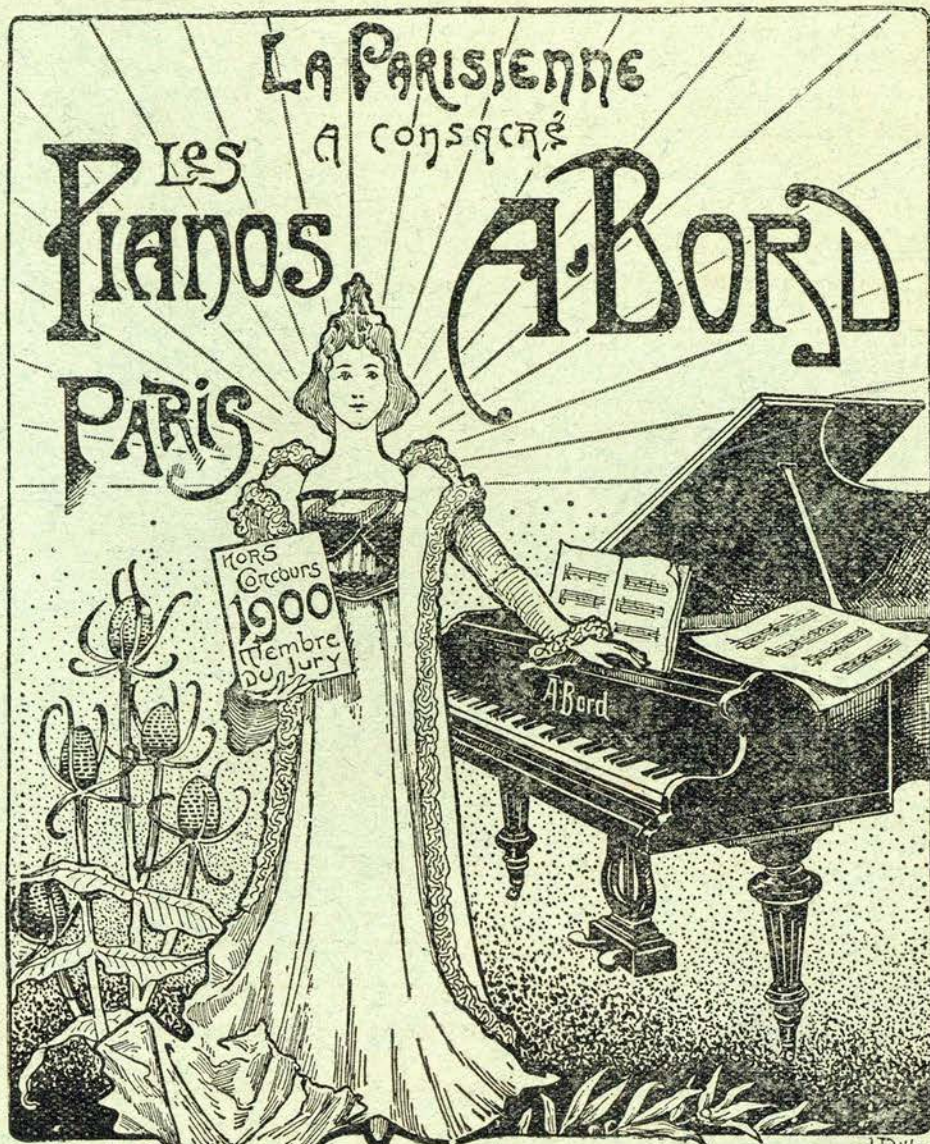
(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor:—ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

PRESIDENTE DO JURY (CLASSE 17) DA EXPOSIÇÃO DE PARIS—1900



14 bis BOULEVARD POISSONNIERE

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual	5:000
Produção até hoje	116:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury — Hors concours

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 56, 1.º E.</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Alfredo Napoleão , professor de piano, <i>Rua do Carmo, 60.</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
Candida Cilia , profes. ^a de musica, piano e harmonium, <i>L. de S.ta Barbara, 51, 5.º D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Rua do Monte Olivete, 2 C., 2.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Elisabeth Von Stein , professora de violoncello, <i>R. S. Sebastião, 9, 2.º</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, 232, A.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Joaquim A. Martins Junior , prof. de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
Julieta Hirsch Penha , profes. ^a de canto, <i>Travessa Santa Quiteria, 17, 3.º</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.</i>
M.^{me} Sanguinetti , professora de canto, <i>R. da Penha de França, 4, 3.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua D. Carlos I, 144, 3.º</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49 — LISBOA